

A MÚSICA E O ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE MÉTODOS E POSSIBILIDADES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Ramon Bezerra de Souza

Universidade Estadual da Paraíba – ramonsouza65@gmail.com

Katia Farias Antero - orientadora

UniGrendal/IESM- professorakatiaantero@hotmail.com

Resumo: No contexto contemporâneo o professor de história lida com certas dificuldades que o ambiente escolar impõe. Tais dificuldades enquadram-se principalmente no tipo de aluno ao qual o professor tem que se adequar, um aluno que foi construído em seu tempo, um tempo de tecnologias, de possibilidades, de rapidez e de dinamismo. E a principal questão que se apresenta como desafio da prática docente é: Como passar o conteúdo histórico de maneira que mantenha a atenção, o interesse e a curiosidade do aluno? Este trabalho surge com intuito de promover uma reflexão sobre a necessidade de revisão e inovação de metodologias e práticas educativas, assim como apresentar o recurso da música como uma possibilidade viável em sala de aula como auxílio ao professor no processo de ensino e aprendizagem, destacando pontos que merecem atenção na hora do planejamento e na prática efetiva de sua utilização. Como apoio a tal objetivo de pesquisa, nos atemos a analisar o uso da música em aulas de história em um colégio de ensino fundamental do município de Esperança/PB. Para promover tal discussão, dialogo com NATIVIDADE (2008), onde nos apresenta noções da importância que a música pode ter no processo de desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos alunos, assim como PEREIRA (2007) onde a mesma promove um debate sobre como este recurso viabiliza o desenvolvimento de certas habilidades interpretativas. Como bem nos lembra PROST (1996) a *questão* é a grande chave do processo de pesquisa, e no desenrolar das reflexões promovidas neste artigo, a questão inicialmente imposta se reflete em possibilidades práticas, o que é ainda mais rico para o campo educacional. A música é um recurso que tem forte presença na vida dos discentes, apresentam situações e uma linguagem acessível ao seu mundo e ao seu cotidiano. Sua utilização em sala de aula, e em especial nas aulas de história, apresenta grande potencial, mas assim como toda metodologia de ensino ela deve ser trabalhada corretamente, sob a luz de planejamentos e certas diretrizes, para não correr o risco de ser usada como mero passatempo.

Palavras chaves: Música, recurso didático, ensino de história.

INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo o professor de história lida com certas dificuldades que o ambiente escolar impõe. Tais dificuldades enquadram-se principalmente no tipo de aluno ao qual o professor tem que se adequar, um aluno que foi construído em seu tempo, um tempo de tecnologias, de possibilidades, de rapidez e de dinamismo. E a principal questão que se apresenta como desafio da prática docente é: Como passar o conteúdo histórico de maneira que mantenha a atenção, o interesse e a curiosidade do aluno? Este trabalho surge com intuito de promover uma reflexão sobre a necessidade de revisão e inovação de metodologias e práticas educativas, assim como apresentar o recurso da música como uma possibilidade viável em sala de aula como auxílio ao professor no processo de ensino e aprendizagem, destacando pontos que merecem atenção na hora do planejamento e na prática efetiva de sua utilização.

Como apoio a tal objetivo de pesquisa, nos atemos a analisar o uso da música em aulas de história em um colégio de ensino fundamental do município de Esperança/PB. Para promover tal discussão, dialogo com NATIVIDADE (2008), onde nos apresenta noções da importância que a música pode ter no processo de desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos alunos, assim como PEREIRA (2007) onde a mesma promove um debate sobre como este recurso viabiliza o desenvolvimento de certas habilidades interpretativas. Como bem nos lembra PROST (1996) a *questão* é a grande chave do processo de pesquisa, e no desenrolar das reflexões promovidas neste artigo, a questão inicialmente imposta se reflete em possibilidades práticas, o que é ainda mais rico para o campo educacional.

O universo dos discentes deve ser incluído no planejamento do profissional de educação, pois quando o conteúdo a ser abordado nas disciplinas se distancia demais do seu “mundo” ocasiona muitas vezes em perda de interesse na matéria ou no assunto, prejudicando o processo de ensino e aprendizagem. No caso da disciplina de História, por exemplo, o professor deve sempre fazer a ponte entre os fatos passados e o momento contemporâneo, conectando-os, estabelecendo pontes, continuidades e descontinuidade, abrindo leques para a percepção do aluno no que se refere a construções históricas, e guia-los no sentido de promover desconstruções de preconceitos historicamente construídos. A avalanche de sons e imagens que invadem o cotidiano das novas gerações deve ser visto como uma oportunidade pelo professor de história, onde o mesmo deve procurar se adequar as novas subjetividades, aos novos dinamismos. Xavier também nos guia neste sentido, ao também levantar um apontamento feito por Rusen:

Não se trata de formar pequenos historiadores, ou que estes estejam a par das discursões historiográficas, mas de instigar, através do ensino de História, uma prática que, segundo Rusen: “Permita ao indivíduo a indagação sobre o passado de forma que a resposta lhe faça algum sentido no presente e que de alguma maneira esse sujeito encontre uma orientação histórica para a sua vida cotidiana”. (XAVIER, 2010, p. 1101).

Estão se desenvolvendo novas formas de sensibilidades e percepções, onde bem nos mostra Oliveira:

Nas transformações das técnicas, podem-se perceber as significativas alterações na experiência cultural, implicando mudanças na forma de vivenciar e perceber a realidade, assim como na forma de expressar esta realidade sensível. (OLIVEIRA, 2005, P. 498, 499).

O grande hiato entre a cultura escolar tradicional e o mundo do aluno exige uma nova postura metodológica, para que possa ser cada vez mais encurtado. As novas formas de ver e sentir, que o mundo contemporâneo nos apresenta, o qual é vivenciado com maior intensidade pela faixa etária mais jovem, geraram uma distância entre o *modus operandi* tradicional e o que nos é imposto pelo mundo da tecnologia e das mídias. A satisfação não cabe mais apenas na linearidade dos livros e manuais, mas nas novas instâncias, como as mídias digitais, a televisão, os filmes, celulares, a música dentre outros. Essas novas instâncias, que em alguns casos, não são novas, mas que já existem no mundo há milhares de anos (como a música), podem ser usadas com outros propósitos, com outros métodos e abordagens, fazendo uma releitura dos seus usos, pois até as tecnologias de ponta, podem ser utilizadas com métodos tradicionais e ocasionarem os mesmo problemas de interação com os jovens. Então não basta mudar apenas os instrumentos e as ferramentas, devem ser também mudados os métodos de ensino.

A música é um recurso que tem forte presença na vida dos discentes, apresentam situações e uma linguagem acessível ao seu mundo e ao seu cotidiano. Sua utilização em sala de aula, e em especial nas aulas de história, apresenta grande potencial, mas assim como toda metodologia de ensino ela deve ser trabalhada corretamente, sob a luz de planejamentos e certas diretrizes, para não correr o risco de ser usada como mero passatempo.

A MÚSICA COMO FONTE HISTÓRICA

Nas últimas décadas um debate assíduo vem sendo desenvolvido sobre as práticas do ensino de história, principalmente no que se refere à inserção de documentos históricos nas práticas

pedagógicas. Para além dos textos e escritos, é importante que o professor apresente aos alunos não apenas o conceito que hoje consideramos diversificado sobre fontes históricas, mas que estabeleça um contato mais direto e concreto entre os discentes e as mesmas.

Com os Annales na década de trinta, várias coisas mudaram na perspectiva histórica, dentre elas podemos enquadrar um diálogo interdisciplinar, uma formulação de um história voltada para o total, a questão da problematização e principalmente, o alargamento das fontes utilizáveis para o fazer historiográfico. Distanciando-se de muitos “credos” da história metódica dita positivista, que por um bom tempo dominaram a escrita da história, Marc Bloch e Lucien Febvre desenvolveram um diálogo afastado da total objetividade pretendida pelos positivistas, assim como possibilitaram uma leitura menos voltada para obtenção de uma verdade absoluta, reconhecendo a necessidade de se reconhecer que existem diversas interpretações sobre um mesmo fato. Por volta da década de 70, com a Nova História ou Nova História Cultural, essa perspectiva ampliou-se ainda mais, estabelecendo novas temáticas, novos métodos e novas abordagens. As mulheres, os negros, os camponeses, ciganos, ou seja, as chamadas classes oprimidas, começaram a ganhar produções que às davam voz. As mudanças começaram no fazer historiográfico, nas academias e nas Universidades, porém, determinados saberes sempre reverberam para fora desses ambientes, interagindo com outros locais de produção de saber, como a escola.

Como bem nos mostra Xavier (2010), os próprios PCNs apontaram, desde a década de 90, para a necessidade de se demonstrar ao aluno de que forma a história é feita, processo que está diretamente relacionado à fonte histórica. Sobre esse apontamento:

Os questionamentos sobre o uso restrito e exclusivo de fontes escritas conduziu a investigação histórica a levar em consideração o uso de outras fontes documentais, aperfeiçoamento as várias formas de registros produzidos. A comunicação entre os homens, além de escrita, é oral, gestual, figurada, música e rítmica. (CERRI; FERREIRA, 2007).

Tornando a fonte histórica, com essa perspectiva ampliada, como uma ferramenta pedagógica, possibilita que os alunos desenvolvam certas habilidades de compreensão e articulação que apenas os textos escritos não desenvolveriam. Desta articulação, refere-se a contextualização de determinadas conteúdos da disciplina com a fonte, em como esse documentos nos serve para compreender melhor o momento e a situação abordados. É crucial fazê-los perceber que devemos ter uma compreensão de tal fonte, buscando em qual representação de mundo está inserido o grupo que a forjou. Mas é importante ressaltar que apesar de ter como proposta a utilização de fontes variadas, é imprescindível que o professor de história não se utilize apenas de um documento, mas

que este vestígio do passado, por sua vez, seja confrontado por outros. Vários estudos revelam que as novas formas de apreensão do conhecimento ocorrem pela alternância entre a oralidade, os sons e o visual.

Na proposta aqui apresentada, por exemplo, focamos em trabalhar a música como fonte e documento, referente ao período da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985), apresentando algumas canções feitas neste contexto, mas que confrontamos estas músicas com documentos escritos, e com as devidas atenções as características do contexto da época, identificando associações, discrepâncias, aproximações e articulações entre as fontes. Como bem nos incita Marc Bloch: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79), levando a perspectiva de que tudo pode ser uma fonte histórica, dependendo da questão que levantarmos, e de promovermos um método apropriado no seu trato. Isto promove o desenvolvimento de um senso crítico no aluno, fazendo-o perceber que as fontes não devem ser encaradas como verdades absolutas, mas que estão sujeitas a serem construídas sob determinadas intencionalidades.

A música é de fácil acessibilidade a todas as camadas da sociedade, possibilitando que possamos ter diferentes visões de diversas interpretações de mundo através das canções. Ela se faz potencialmente eficaz na tarefa de mediação cultural entre professor, aluno e sociedade, podendo ser usada como um documento histórico e como uma ferramenta pedagógica, pois ela é produção cultural, carregada de significados em seus versos, tanto implícita como explicitamente (XAVIER, 2010, p. 1105).

A MÚSICA E A DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985)

Partindo do pressuposto que a música se produz a partir das inquietações de seu tempo, o período e a sociedade aqui analisadas nos dão um excelente prato para um trabalho com os alunos. A intervenção militar no Brasil foi um momento singular na história do país, caracterizado pela intensa censura, torturas, perseguições e articulações governamentais visando a diminuir cada vez mais a liberdade cidadã. É através deste contexto de forte repressão que tivéssemos como horizonte no trabalho em sala de aula, pois com foco nas músicas produzidas na época identificamos claramente intenções, lutas, reivindicações, sentimentos, aspirações e resistências, no que estas possuem um genioso trato de tentar burlar a censura do governo militar. Podemos utilizar as

canções como referência da expressão cultural e política do país naquele momento. “Em 1964, o golpe militar viria a trazer novas preocupações a vários artistas brasileiros, que tomaram como palavra de ordem o combate ao governo ditatorial e a censura.” (CATELL, 2009, p. 135).

Mas é importante ressaltar que nem todas as músicas e nem todos os movimentos artísticos e musicais que foram percebidos no Brasil neste momento são direcionados no combate ao governo instituído. Deste exemplo, tiraremos como proposta comparativa no caminhar didático em sala de aula no tópico seguinte.

No ritmo da Bossa Nova, Nara Leão produz um discurso contra a Ditadura na contracapa do seu disco *Opinião*, de 1964:

Este disco nasceu de uma descoberta, importante para mim: a de que a canção popular pode dar às pessoas algo mais que a distração e o deleite. A canção popular pode ajuda-las a compreender melhor o mundo onde vivem e a se identificarem em um nível mais alto de compreensão. A música popular é um dos mais amplos modos de comunicação que o próprio povo criou, para que as pessoas contassem umas às outras, cantando, suas experiências, alegrias e tristezas. É fato que, na maioria dos casos, esses sentimentos se referem a situações individuais, a que os compositores conseguem dar amplitude. Mas existem outros problemas, outras tristezas e outras alegrias, não menos profundas e não menos ligadas à vida de todo dia. E os compositores, como Zé Kéti, João do Vale ou Sérgio Ricardo, entre outros, falam dessas coisas. Elas revelam que, além do amor e da saudade, pode o samba cantar a solidariedade, a vontade a uma vida nova, a paz e a liberdade. E quem sabe se, cantando essas canções, possamos tornar mais vivos na alma do povo ideias e sentimentos que o ajudem a encontrar, na dura vida, o seu melhor caminho.

A partir deste trecho, se abre um leque de diálogos que podem ser discutidos com os discentes, mostrando-os que estudar a história do homem inclui tudo o que contribui para refletir acerca da experiência humana em um determinado tempo e espaço. Seja a partir das músicas produzidas, seja dos locais aos quais essas músicas eram tocadas, ou mesmo num pequeno trecho localizado na contracapa de um disco, a expressão cultural e acima de tudo política, é identificável. Outro discurso, desta vez de Caetano Veloso, ao ser vaiado no palco em 1968, cantando “É proibido proibir”, é outro demonstrativo do engajamento político dos artistas brasileiros no período:

Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês tem coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de musica que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado!...Vocês não estão entendendo nada, nada, absolutamente nada. Vocês são iguais sabem a quem? Àqueles que foram na Roda Viva e espancaram os atores! Vocês não diferem nada deles! O problema é o seguinte: vocês estão querendo policiar a música brasileira...Gilberto Gil está

comigo, para nós acabarmos com toda a imbecilidades que reina no Brasil. Nós só entramos no festival para isso.

Para barrar tal engajamento político oposicionista, muitos músicos e artistas brasileiros foram banidos do país, no caso de Caetano, foi exilado para a Inglaterra, assim como Gilberto Gil, outros foram para a Itália e Argélia, dentro outros destinos. Os alvos não foram apenas estes, mas todo o corpo que fosse contra a ordem estabelecida, coisa muito comum de se perceber principalmente nas Universidades, onde muitos professores também foram exilados ou aposentados de forma precoce, para citar também determinadas medidas governamentais que tentavam abstrair o senso crítico dos alunos, como os cursos de graduação de curta duração e a instituição de Ciências Sociais.

PROPOSTA DIDÁTICA E EXPERIÊNCIA DE INCERSÃO DA PROPOSTA NO ENSINO MÉDIO

Escolhemos o período da Ditadura Militar por se tratar de um período recente da história do Brasil, onde poderíamos confrontar a fonte musical com mais duas outras, textos e a oralidade. Fazendo as devidas articulações entre as fontes, desenvolvemos um proveitoso trabalho com os alunos de um colégio de Ensino Médio no município de Esperança/PB. Como metodologia de ensino, procurei me guiar por XAVIER (2010) e CATELL (2009), onde os autores dão excelentes dicas e orientações de como desenvolver um trabalho que envolve a análise canções. Somei a tais orientações, a análise de fontes orais de pessoas do município que viveram durante este período, fazendo todo o esboço técnico de como se tratar tal tipo de documento com os alunos. Este exercício com a História Oral permitiu trazer o conteúdo para mais próximo de seu cotidiano.

No desenvolver do trabalho, Catell nos dá um meio proveitoso:

Sugerimos que sejam escolhidas duas canções de dois movimentos diferentes: Bossa Nova e Jovem Guarda, MPB e Tropicalismo. Assim será possível perceber claramente as diferenças entre os estilos e os temas das canções. Em seguida, é preciso preparar o aluno para ouvir, analisar e comparar essas canções. Devemos lembrar que não basta trabalhar com o texto poético das canções. Além de apreciar os arranjos e a melodia, é necessário buscar compreender o significado sonoro, identificando estilos, influências, instrumentos. Para isso, é necessário ouvir várias vezes a canção. (CATELL, 2009, p. 142).

A forma como o autor distribui as indicações iniciais, bem parecidas com as que Xavier também nos demonstra, foram efetuadas com as turmas. Escolhemos duas canções, uma identificável com o movimento da Bossa Nova, e outra da Jovem Guarda, onde a turma escutou cada uma com a devida atenção várias vezes, onde foram guiados a se aterem não só a letra, mas a todas as partes que forma a música. A uma análise verbal separada da música, Napolitano entende que:

Esses vícios podem ser resumidos na operação analítica, ainda presente em alguns trabalhos, que fragmenta esse objetivo sociológico e culturalmente complexo, analisando “letra” separada da “música”, “contexto” separado da “obra”, “autor” separado da “sociedade”, “estética” separada da “ideologia” (NAPOLITANO, 2005, p. 8).

Moraes chama a atenção para nunca separar a melodia e a letra. A melodia, a harmonia e o ritmo da canção influenciam e muito na sua compreensão. A importância dos aspectos gerais da canção, assim como seu contexto e a sua ideologia, foram alvos que tentamos atingir durante a proposta em sala de aula, onde a História Oral entrou no âmbito do contexto da localidade. Os alunos realizaram três entrevistas, onde os indivíduos deram seus testemunhos sobre o período, que depois tais testemunhos foram confrontados com as canções e os textos abordados em sala. Após o ouvir da canção, o debate em sala deve ser guiado por determinadas questões impostas aos alunos, tais questões vão direcioná-los a identificar aspectos importantes no processo planejado pelo educador. A atribuição e efetuação destes pontos devem ser vistos como um meio a levar o aluno a perceber as diversas interpretações que um mesmo fato ou período pode ter, através de diversas maneiras (fontes e documentos) de interação, sempre baseadas no contexto analisado. José Geraldo Vinci Moraes, esclarece bem uma questão importante:

As canções poderiam constituir-se em um acervo importante para se conhecer melhor ou revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano dos segmentos subalternos. (MORAES, 2000, P. 204).

O professor deve ajudar o seu aluno a desenvolver habilidades de interpretação, levando-os a criticar e a historicizar as fontes que forem analisadas. Esclarecer de forma didática que a história é uma representação social, e que a análise da sua escrita, da sua função e dos seus fatos varia de tempo para tempo, de lugar para lugar, de sociedade para sociedade, de grupo para grupo e de indivíduo para indivíduo, ressaltando as devidas articulações existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência permitiu-nos perceber o potencial que a utilização da canção pode ter, tanto como documento quanto como proposta didática, promovendo um meio que escapa ao modelo tradicional e ultrapassado no compreender de temas históricos no ambiente escolar. Vista como um meio de resistência, um veículo de difusão de sentimentos, opiniões e aspirações, a música se torna uma importante fonte para mais uma interpretação sobre um dado fato ou período, assim como um meio possível para o professor passar o conteúdo em sala. O planejamento e o método adequado para aplicar tal proposta merecem certa atenção por parte do professor, que corre o risco da falta de eficácia. O mesmo, ressaltando novamente uma tecla já citada, deve promover um direcionamento à percepção por parte das intencionalidades presentes nas diversas fontes que forem analisadas em sala, pois os documentos são fatos históricos por si só, historicamente construídos.

Através desse exercício, impomos a reflexão de que o ensino de história deve ser revisto, em seus discursos e práticas, que por sua vez, devem se adequar aos alunos do mundo contemporâneo, e que acima tudo, aproxime-os da realidade em que vivem, aumentando assim a possibilidade de desenvolverem interesse pela matéria e a curiosidade própria que todo estudante de história possui. Desenvolvimento de um senso crítico, habilidades no trato de fontes, abstrações, diferenciações, confrontações e percepções de realidades, é todo um cabedal que pode ser obtido através dessa proposta.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício do historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

JUNIOR, Cartelll Roberto. **Temas e linguagens da história: ferramentas para sala de aula no ensino médio**. – São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

MEANS, Barbara e outros. **Using Technology To Support Education Reform. Education Development Corporation**. U. S. Department of Education. September, 1993.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e Música**: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História, vol. 20, nº 30. Dossiê: Brasil, Brasília, 2000.

MOREIRA, Ana Paula; SANTOS, Halinna; COELHO, S. Irene. **A música na sala de aula** – a música como recurso didático. UNISANTA Humanitas – p. 41-61; Vol. 3 nº 1, 2014.

NAPOLITANO, Marcos Francisco D'Eugenio. **História e Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NATIVIDADE, Nilva Terezinha da; SILVA, Nilzete de Castro; COSTA, Renilva dos Santos; LIMA, Rita de Souza Almeida; DANIEL, Ruti Maria Falqueto. **Música em sala de aula**. Brasília, 2005.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Cibercultura, Cultura Audiovisual e Sensorium Juvenil**. In: O Chipe e o Caleidoscópio: Reflexões sobre as novas mídias / Lucia Leão, organizadora. – São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2005.

PEREIRA, Graciano Paula. **Reflexões sobre o uso da música em sala de aula**: As crenças e práticas de dois professores de inglês. Goiânia, 2007.

SOUZA, Jociléia Arlete Koch Selzler de; SANTOS, Juliano Ciebre dos. **A música como auxílio inovador na sala de aula**. Norte – MT, 2013.

XAVIER, Erica da Silva. **O uso das fontes históricas como ferramentas na produção do conhecimento histórico**: a canção como mediador. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul. – dez. de 2010, pp. 1097 – 1112.